



RUMOS E TRILHAS EM FONÉTICA E FONOLOGIA DA LIBRAS

Rosana de Fátima Janes Constâncio (UNIOESTE)¹
rojanesinterprete@gmail.com

Keli Pereira Malaquias (UNIOESTE)²
kelinha27@hotmail.com

RESUMO: A língua brasileira de sinais obteve o seu reconhecimento no Brasil como uma língua natural, de natureza visomotora, com gramática capaz de transmitir conceitos, fatos e ideias, apenas no século XXI com a promulgação da Lei nº 10.436/02. Contudo, a história nos revela que a língua de sinais está presente desde o século XIX, com a fundação do Instituto Nacional de Educação dos Surdos – INES, na cidade do Rio de Janeiro. Apesar disso, assim como acontece na educação em geral, a educação dos surdos vivenciou diversos modelos pedagógicos, os quais não favoreceram o desenvolvimento da língua de sinais. Dessa forma, por um período de aproximadamente 100 anos, os surdos foram impedidos de fazerem uso da sua primeira língua, sendo obrigados a práticas ouvintistas para o desenvolvimento da oralidade. Tal fato justifica o pouco avanço nos aspectos linguísticos e nas estruturas gramaticais da língua brasileira de sinais (Libras). Com base nisso, consideram-se recente e crescente, por exemplo, os estudos e avanços em fonética e fonologia em Libras. Levando-se em consideração os fatos mencionados, versaremos sobre os rumos e trilhas vivenciados até o presente momento, buscando ressaltar sobre as conquistas específicas na área, principalmente no que tange aos aspectos fonéticos e fonológicos da Libras.

PALAVRAS-CHAVE: Libras; Parâmetros; Fonética; Fonologia.

ABSTRACT: The Brazilian sign language was recognized in Brazil as a natural language, of a visomotor nature and with grammar capable of transmitting concepts, facts and ideas only in the 21st century with the promulgation of Law No. 10.436 / 02. However, history tells us that sign language has been present since the 19th century, this happened with the foundation of the National Institute of Deaf Education - INES, in the Rio de Janeiro city. In the spite of this, like what happens in the general education, the deaf education experienced several pedagogical models, but these pedagogical models didn't favor the development of sign language. In this way, for a period of approximately 100 years, deaf people were prevented from using their first language and they were required to use listening practices to develop the orality. This fact justifies the little progress in the linguistic aspects and in the grammatical structures of

¹ Doutoranda do PPG em Letras da UNIOESTE – Cascavel PR, com área de concentração em Linguagem e Sociedade, Linha de Pesquisa Estudos da Linguagem: Descrição dos fenômenos linguísticos, culturais, discursivos e de diversidade. Mestre em Educação Escolar (2010). Graduada em Pedagogia (1996) e Letras Libras (2012). Docente da Faculdade de Educação a Distância – EaD/UFGD. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas PORLIBRAS (www.unioeste.br/porlibras) e do Grupo de Pesquisa GELES – Grupo de Estudos em Libras e Educação de Surdos. E-mail: rojanesinterprete@gmail.com

² Mestranda do PPG em Letras da UNIOESTE, área de concentração em Linguagem e Sociedade, Linha de Pesquisa Estudos da Linguagem: Descrição dos fenômenos linguísticos, culturais, discursivos e de diversidade. Orientada pelo Prof. Dr. Jorge Bidarra. Graduada em Letras Português/Inglês pela Universidade Paranaense (UNIPAR) e Letras Libras Bacharelado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Especialização em Educação Especial. Professora Intérprete de Libras da Rede Estadual de Educação de Cascavel (SEED-PR). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas PORLIBRAS (www.unioeste.br/porlibras). E-mail: kelinha27@hotmail.com



the Brazilian sign language (Libras). Based on this, it is considered recent and growing, for example, the studies and progress in phonetics and phonology in Libras. Taking into account the facts mentioned, we will talk about the directions and trails experienced until the present moment. So, we shall seek to show about the specific achievements of the area, especially in relation the phonetics and phonological aspects of the Libras.

KEYWORDS: Libras; Parameters; Phonetics; Phonology.

1. Percurso histórico da Libras

No século XVIII, surgem os primeiros educadores de surdos que desenvolveram metodologias para a educação de pessoas surdas, dentre eles o alemão Samuel Heineck (1729-1790), o francês abade Charles Michel de L'Epée (1712-1789) e o inglês Thomas Braidwood (1715-1806). Em 1775, L'Epée funda a primeira escola pública para pessoas surdas em Paris e o português Jacob Rodrigues Pereira desenvolve métodos de ensino da fala e de exercícios auditivos na França, com grande êxito para a época (SALLES et al., 2004).

No Brasil, foi com a chegada do francês Ernest Huet no Rio de Janeiro em 1855, que se iniciou a educação dos surdos e a organização de uma escola para pessoas surdas, um momento em que eles não eram nem mesmo reconhecidos como cidadãos. Este fato é um marco do reconhecimento não só educacional, mas linguístico, pois o educador surdo trouxe a língua de sinais francesa e a mesma possibilitou a origem da nossa língua no Brasil.

Entretanto, em 1880, ocorreu o famoso Congresso de Milão na Itália, onde ficou estabelecido através de votos de professores, diga-se de passagem, por uma maioria ouvinte, o Método oral para educação dos surdos, ou seja, a partir daquele instante, os surdos deveriam desenvolver a fala para interagir socialmente (SALLES et al., 2004).

Segundo Skliar (1997), houve dois grandes momentos na educação de surdos, um que vai desde meados do século XVIII até a primeira metade do século XIX, quando as experiências educativas eram em Língua de Sinais, e o outro que vai de 1880 até o



século XX, com o predomínio do ensino baseado na língua oral (apud SALLES et al., 2004).

Esse período de desvalorização da Língua de Sinais, exaltação aos métodos oralistas e o foco na surdez como patologia, são analisados e apontados por pesquisadores da área como um grande retrocesso na educação dos surdos e no seu desenvolvimento linguístico. Segundo Sacks (1990: 45), o “oralismo e a supressão do Sinal resultaram numa deterioração dramática das conquistas educacionais das crianças surdas e no grau de instrução do surdo em geral. Muitos dos surdos hoje em dia são iletrados funcionais”. (Apud SALLES et al., 2004).

Em 1994, novas perspectivas foram almejadas e comemoradas na educação dos surdos, pois novas políticas educacionais deveriam considerar as diferenças e situações individuais de pessoas surdas ou cegas em escolas especiais, classes especiais e escolas regulares. Esse fato é assegurado por intermédio da Declaração Salamanca, “documento de referência mundial e orientador do processo de inclusão” (SALLES et al., 2004, p.58).

Desde então, buscam-se refletir sobre a educação dos surdos e a valorização da língua de sinais, a proposta mais discutida após esse período é o bilinguismo, que reconhece a língua de sinais como a língua natural da pessoa surda e a partir dela uma segunda língua na modalidade escrita, no caso do Brasil, a Libras como a primeira língua e a língua portuguesa como segunda língua na modalidade escrita. Conforme Skliar et al. (1995: 16), “A proposta bilíngue busca resgatar o direito da pessoa surda de ser ensinada em sua língua, a língua de sinais, levando em consideração os aspectos sociais e culturais em que está inserida” (apud SALLES et al., 2004, p. 57-58).

No Brasil, a Lei nº 10.436 em 2002, regulamentada pelo Decreto nº 5.626 em 2005, reconheceu a Língua Brasileira de Sinais (Libras) “como meio legal de comunicação e expressão” e garantiu a inclusão das pessoas surdas nas diversas interfaces da sociedade brasileira, pois reconhece sua língua como meio de expressão e comunicação.



Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (BRASIL, 2002).

As Línguas de sinais são línguas de modalidade visual espacial, ou seja, diferem das línguas orais que são de modalidade oral auditiva. Seu status linguístico refere-se a todos os níveis de análise linguística, até mesmo ao que se referem aos aspectos fonológico e fonético. Conforme SALLES et al. (2004, p.83-84):

Um aspecto que se sobressai no contraste entre as modalidades viso-espacial e oral-auditiva é a questão da arbitrariedade do signo linguístico. Esse conceito estabelece que, na constituição do signo linguístico, a relação entre o significante (imagem acústica /fônica) e - significado é arbitrária, isto é, não existe nada na forma do significante que seja motivado pelas propriedades da substância do conteúdo (significado). Uma característica das línguas de sinais é que, diferentemente das línguas orais, muitos sinais têm forte motivação icônica. Não é difícil supor que esse contraste se explique pela natureza do canal perceptual: na modalidade viso-espacial, a articulação das unidades da substância gestual (significante) permite a representação icônica de traços semânticos do referente (significado), o que explica que muitos sinais reproduzam imagens do referente; na modalidade oral-auditiva, a articulação das unidades da substância sonora (significante) produz sequências que em nada evocam os traços semânticos do referente (significado), o que explica o caráter imotivado ou arbitrário do signo linguístico nas línguas orais (SALLES; et al., 2004, p. 83-84).

Assim, consideramos relevante relatar um pouco sobre a trajetória das línguas de sinais e particularmente o reconhecimento da Libras, pois é por meio da língua que nos estabelecemos no mundo e desenvolvemos as competências e habilidades no ato dialógico e discursivo, otimizando assim, a potencialidade de usufruirmos da cultura na qual estamos inseridos. Todavia, vale ressaltar que em pleno século XXI ainda vivenciamos muitos estigmas sociais e preconceitos linguísticos, uma vez que faltam

esclarecimentos quando nos referimos à língua de sinais. Em virtude dos fatos mencionados, na próxima sessão, abordaremos sobre os aspectos fonéticos e fonológicos da Libras, com o intuito de demonstrar seu status linguístico.

2. Trilhas da fonética e fonologia da Libras

Compreender a constituição da língua de sinais nos possibilita entender sua gramática e o uso da língua em sua singularidade dentro do espectro de uma língua natural, onde a diferença de uma língua oral para uma língua de sinais ocorre pela sua modalidade, ou seja, as línguas orais são línguas denominadas línguas orais-auditivas e por terem um canal comunicativo diferente, as línguas de sinais são denominadas de modalidade visoespacial.

Alguns fonologistas defendem que independente da modalidade da língua, todas “são produtos do cérebro humano e têm a mesma função” (Quadros & Karnopp, 2004, p. 65).

Dessa forma, todas as línguas possuem um léxico que constituem o seu repertório linguístico, que nas línguas orais são formadas por palavras e nas línguas de sinais são constituídas por sinais que representam as palavras.

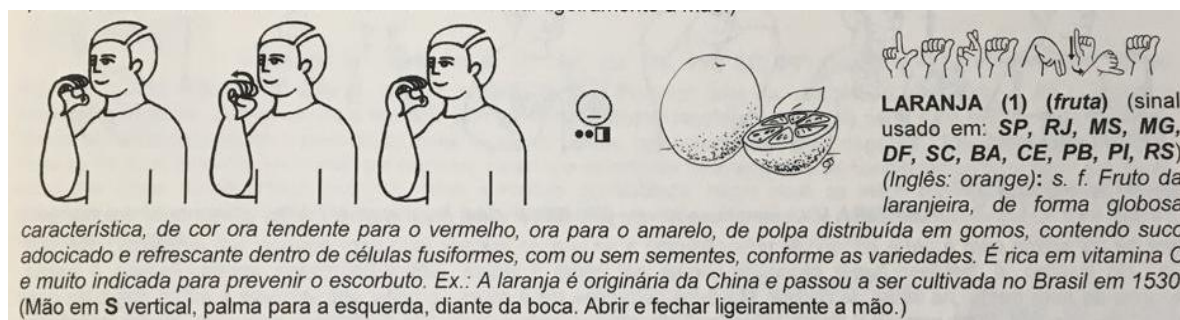
Quando pensamos sobre a língua em uso precisamos considerar que há uma gramática que norteia a comunicação e respeita a estrutura da língua, nos níveis fonético, fonológico, semântico e pragmático.

Portanto, é relevante compreender que a fonologia visa explicar quais são as unidades mínimas na formação dos sinais, além de contextualizar quais são as combinações possíveis, bem como suas variações.

De acordo com Quadros & Karnopp (2004, p. 17) “à fonética cabe descrever os sons da linguagem e analisar suas particularidades articatórias, acústicas e perceptíveis”, o que na Libras corresponderia a compreender a formação dos sinais a partir de seus parâmetros, ou seja, as unidades mínimas que seriam os itens lexicais,

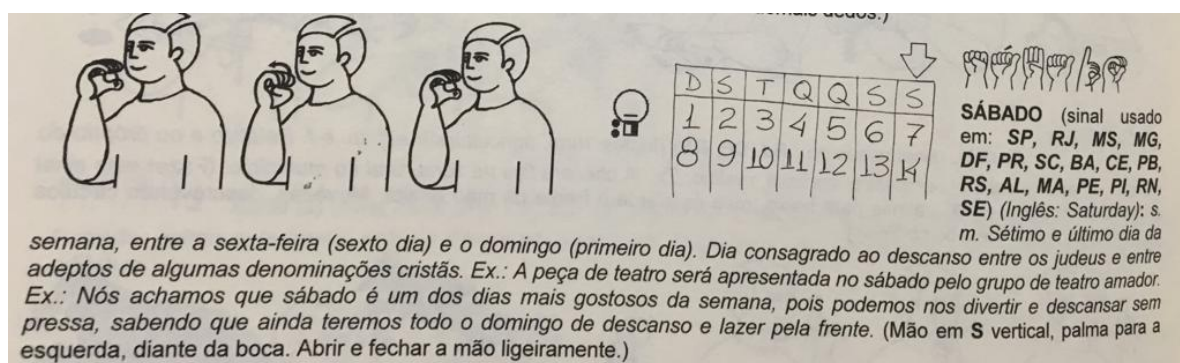
como: a Configuração de mão (CM), movimento (MO), ponto de articulação (PA) ou locação (L), direção (D) ou orientação da palma da mão (O) e expressões não manuais (ENM). E “a fonologia cabe estudar as diferenças fônicas intencionais, distintivas, que se vinculam a diferenças de significação”, o que na Libras corresponderia ao significado do sinal produzido, quando utilizados os parâmetros para a formação de um sinal, por exemplo, o sinal [LARANJA] e [SÁBADO], que se diferem apenas em relação ao parâmetro “movimento”. Como podemos observar nas imagens a seguir:

Figura 1: Sinal referente à palavra [LARANJA] em Libras.



Fonte: Capovilla et.al. (2017, p. 1643).

Figura 2: Sinal referente à palavra [SÁBADO] em Libras.



Fonte: Capovilla et.al. (2017, p. 2488).

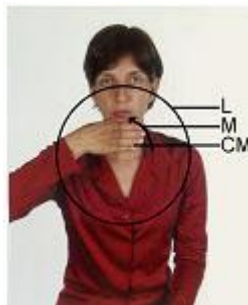
As unidades lexicais mínimas, nomeados parâmetros é que constituem os sinais. Assim como as palavras possuem normas para sua formação, ou seja, enquanto nas línguas orais algumas palavras são consideradas agramaticais por não atenderem às

normas quanto a sua estrutura, nas línguas de sinais ocorre o mesmo se em sua constituição não for respeitado os parâmetros primários e secundários.

Conforme Stokoe (1960), esses parâmetros se caracterizam em: Configurações de Mãos que representam a forma que a mão assume para a realização de um sinal; Ponto de articulação ou Locação que representa o lugar onde o sinal é realizado no corpo ou no espaço neutro; Orientação da palma da mão representa a posição que a mão assume e Expressões não manuais que podem ser afetivas ou gramaticais. Os últimos parâmetros apresentados, orientação e expressão não manual foram abordados indiretamente no sistema de Stokoe e aprofundados por Edward Klima e Úrsula Bellugi, no final de 1970.

Os parâmetros fonológicos primários são constituídos pelas 75 configurações (formas) de mãos – CM, ponto de articulação – PA e movimento – MO.

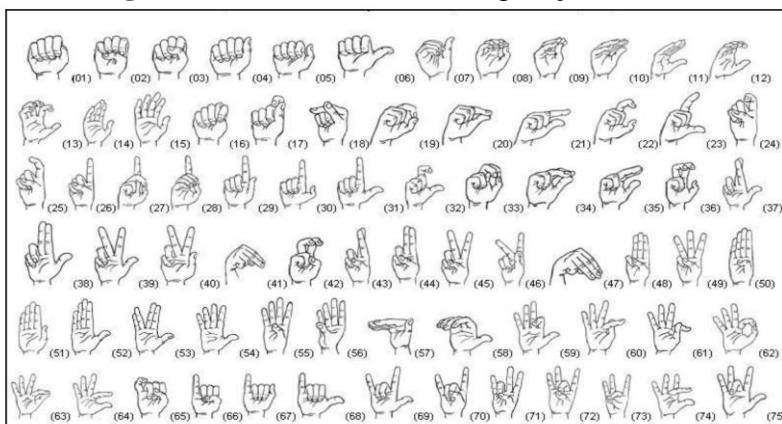
Figura 3: Os parâmetros fonológicos da Libras.



Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 51)

1. Configuração de mão: compreende as formas das mãos que são possíveis na articulação e expressão dos sinais. De acordo com as últimas pesquisas há 75 CM. Conforme verificamos a seguir:

Figura 4: Quadro das 75 Configuração de mão



Fonte: FARIA NASCIMENTO, Sandra Patrícia (2009, p.47)

Figura 5: Sinais que se opõem quanto à Configuração de mão



Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 52)

2. Ponto de articulação (PA) ou Locação (L): é o local onde se realiza o sinal, que pode ocorrer no espaço neutro ou em uma parte do corpo. Para Klima e Bellugi (1979, p. 50) “é o locus de movimento sinal, seu ponto de articulação”.

Figura 6: Sinais que se opõem quanto à Locação.



Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 52)

3. Movimento (MO): na realização dos sinais pode ou não ocorrer movimentos.

Figura 7: Sinais que se opõem quanto ao Movimento.

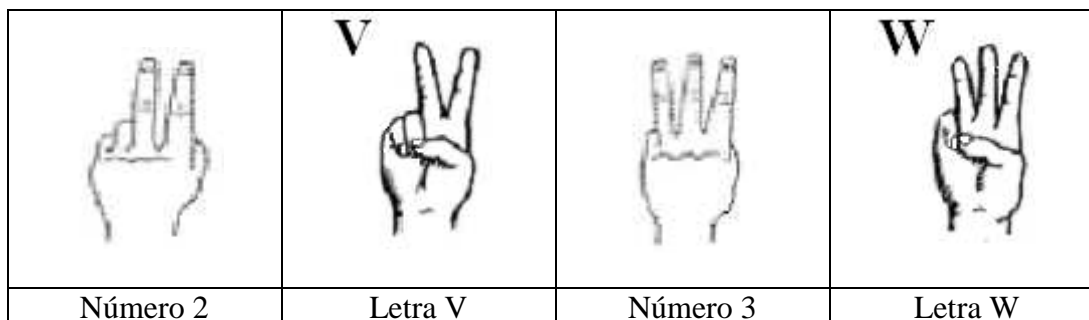


Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 52)

Esses movimentos podem ocorrer de várias formas e são considerados distintivos mínimos, pois de acordo com Ferreira (2010) possui uma diversidade de possibilidades de direções e configurações, caracterizando assim traços fonológicos, isto é, com significados distintos em virtude dos movimentos que podem envolver mãos, punhos, antebraço, sendo realizados em variadas direções, podendo ser uni, bi e multidirecionais.

Castro (2006) considera que há regras morfológicas na formação dos sinais, e que algumas diferenças mínimas podem modificar o sentido. Um exemplo a ser considerado são os números 2 e 3 que quando são realizados para representar quantidades apresentam a configuração com o lado do dorso da mão, a mesma configuração realizada com a lado da palma da mão representam as letras V e W.

Figura 8: Quadro que representa a diferença entre números e letras.










Fonte: Elaborada pelas autoras, fundamentadas nos estudos de CASTRO, Nelson Pimenta (2006, p. 37).

A partir das análises apresentadas com estudos realizados até o momento, constata-se que a Libras se constitui como uma língua natural. Na sessão seguinte, iremos discorrer sobre algumas ações que foram elaboradas para contribuir com os estudos da disciplina de Fonética e Fonologia no curso Letras Libras, embasado em estudos que já haviam sido realizados na Língua Portuguesa.

3. Fonética e Fonologia da Língua Portuguesa e da Libras







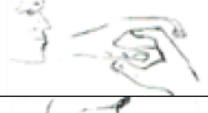

Na língua oral, os estudos de fonética e fonologia estão bem consolidados e fundamentados. Segundo Passos, Quintino e Silva (2018, p. 212), para corroborar com os estudos da disciplina de Fonética e Fonologia, no curso Letras Libras, foi realizado um estudo com o professor da disciplina e os estudantes surdos, para a elaboração de um quadro que representa os modos e pontos de articulação na Libras.

Quadro 1: Sinais que representam o “Modo de articulação da LP”.

MODO DE ARTICULAÇÃO DA LP	
Nasal	
Oclusiva	
Fricativa	
Aproximante/Glide	
Tap	
Africada	
Aproximante lateral/líquida	

Fonte: Quadro elaborado por Passos, Quintino e Silva (2018, p. 213).

Quadro 2: Sinais criados para representar o “Ponto de articulação da Língua Portuguesa”.

PONTO DE ARTICULAÇÃO DA LP	
Bilabial	
Labio-Dental	
Dental	
Alveolar	
Pós-Alveolar	
Retroflexo	
Palatal	
Velar	





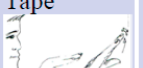


Fonte: Quadro elaborado por Passos, Quintino e Silva (2018, p. 213-214).

Os novos léxicos criados e desenvolvidos pelos autores em consonância com significado, a fonética e fonologia da Libras otimizam e favorecem os momentos de interpretação de conceitos pertinentes à disciplina possibilitando que os surdos assimilem os conceitos relacionados a este componente.

Em decorrência da modalidade da língua de sinais, tais quadros elaborados possibilitam difundir os conceitos com entendimento sobre o aparelho fonador e os pontos de articulação.

O quadro a seguir, possibilita uma visualização de mais fácil compreensão desses termos e conceitos.

Quadro 3: Apresentação de “Modo” e “Ponto de Articulação”.

MO DO	PONTO DE ARTICULAÇÃO								
		LABIAL		CORONAL				DORSAL	
	Consoantes (pulmonar)	Bilabial	Labi- o- Dental	Dental	Alveolar	Pós- Alveolar	Retrofle- xo	Palatal	Velar
ARTICULAÇÃO	Nasal	 m		N			ŋ	ɲ	
	Oclusiva	 p b		t d					k g
	Fricativa	 f v			s z	ʃ ʒ			x y
	Aproximante /Glides							j	ɰ
	Tape					ɾ		ɽ	
	Africada					tʃ dʒ			
	Aproximante Lateral Líquida				l				ʎ

Fonte: Passos, Quintino e Silva (2018, p.214)



Considerações Finais

Levando-se em consideração os aspectos analisados nos estudos linguísticos da Libras, foi possível identificar que ainda há uma longa caminhada ao que concerne aos estudos da fonética e fonologia, pois há muitos sinais sendo criados constantemente e que precisam ser difundidos e analisados, para que desta maneira, seja possível realmente atingir o objetivo de consolidar a Libras como língua em toda sua subjetividade e singularidade.

Neste artigo, foi possível apresentar quadros fonéticos e fonológicos que consideramos ser importantes e que nos possibilitam compreender e assimilar os conceitos básicos na área da fonética e fonologia, sendo eles imprescindíveis para estudos mais aprofundados e complexos na língua de sinais.

Face ao exposto, consideramos que são muitos os rumos que foram tomados e propostos neste trabalho, no entanto, sabe-se que ainda há um longo caminho a trilhar nos estudos da fonética e da fonologia da Libras, assim como em relação a outros estudos linguísticos para que de fato a Libras alcance os status que merece.

Referências

BRASIL, **Lei nº 10.436** DE 24 de abril de 2002. Brasília: Presidência da República, Casa Civil, 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm> Acesso em 28/11/2018.

BRASIL. **Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005**. – Regulamenta a Lei nº 10.436 de 24 de abril, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais.

CAPOVILLA, F. C. RAPHAEL, W. D.; TEMÓTEO, J. G.; MARTINS, A. C. **Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas mãos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017. Vol. 2.

FARIA-DO-NASCIMENTO, Sandra Patrícia. **Representações lexicais da Língua de Sinais Brasileira: uma proposta lexicográfica**. Sandra Patrícia Faria-do_-Nascimento. Brasília: UnB / Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP, 2009. Tese (doutorado). Orientadora: Enilde Faulstich.



PASSOS, Alessandra Figueiredo Kraus; QUINTINO, Wellington Pedrosa; SILVA, Luciano Ferreira da. **Constituição de sinais dos modos e pontos de articulação da Língua Portuguesa em Libras**. Revista Ecos, 2018, v. 24, Ano 15. n. 01.

CASTRO, Nelson Pimenta. **Curso de Libras, 1** / Nelson Pimenta Castro, Ronice Muller de Quadros; Rio de Janeiro: LSB Vídeo, 2006. 104 p.

QUADROS, Ronice Muller de. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**/ Ronice Muller de Quadros e Lodenir Becker Karnopp. Porto Alegre: Artmed, 2004. 224p.

SALLES, Heloisa Maria Moreira Lima. et al. **Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica**. Brasília: MEC, SEESP, 2004. Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos.

Recebido Para Publicação em 27 de setembro de 2019.
Aprovado Para Publicação em 13 de dezembro de 2019.